

GUERRA NA EUROPA: MENTIRAS QUE MATAM

*Por Gabriel Camilli**



Membro das forças armadas ucranianas observa um incêndio em um posto de gasolina após ataques russos em Kharkov, 30 de março de 2022 (Fadel Senna/AFP via Getty Images).

A presença de equipamento alemão em Kursk despertou velhos fantasmas e consolidou a consciência russa das intenções hostis do Ocidente em relação à Rússia, prejudicando seriamente qualquer perspectiva de solução negociada.

Os estrategistas tradicionais sustentam que a operação Kursk foi concebida para forçar a Rússia a afastar as tropas de elite russas da frente de Donbass, onde estão obtendo ganhos significativos. Presumivelmente, isto desaceleraria a ofensiva russa baseada no desgaste e mudaria a direção da guerra. Mas, se este era o plano, falhou miseravelmente.

As tropas ucranianas em Kursk foram contidas. O uso de táticas de manobra ao estilo da OTAN para invadir Kursk não retardou o avanço da Rússia, que agora está prestes a tomar a importante cidade de Toretsk e também se aproxima de Pokrovsk (principal ponto de retenção das forças ucranianas no leste). Estas áreas são fortemente defendidas com trincheiras de longo alcance, mas a Rússia está atravessando-as. As linhas além destas cidades são tênues ou inexistentes, pelo que a Ucrânia seria imediatamente forçada a negociar um cessar-fogo.

Nas últimas duas semanas, a imprensa ocidental tem anunciado a incursão ucraniana em Kursk, com declarações algo grandiosas afirmando que este poderia ser um ponto de virada na guerra. Na realidade, a atitude imprudente de Zelensky está fadada a sair pela culatra.

A campanha sistemática de desinformação “nos vende” esplendidamente desde o início. Para qualquer pessoa, mesmo remotamente familiarizada com a realidade da guerra na Ucrânia, não é certamente segredo que a Ucrânia não “parece estar perdendo a batalha”. Ele está perdendo o controle em toda a frente, e muito.

Na verdade, não era segredo para nenhum observador minimamente informado que a guerra, do ponto de vista do regime de Kiev, já estava irreparavelmente perdida.

Mas de repente, segundo o *New York Times*, *CNN*, *The Washington Post*, *BBC*, *ITV*, *Channel 4 News*, *The Guardian*, *The Telegraph*, *The Financial Times*, *Le Monde*, *El País* (e no nosso país quase todos os meios de comunicação) e muitos outros meios famosos, de repente tudo fica de cabeça para baixo. Até mesmo algumas pessoas, opinativas, falam de “uma terceira invasão da Rússia na sua história (que agora será derrotada)”. Obviamente, um disparate que ofende a inteligência do leitor.

SIMILAR À FICÇÃO

De repente, a Ucrânia já não estava perdendo a guerra com a Rússia, mas, pelo contrário, vencendo-a. Inúmeros programas de televisão mostraram suas tropas avançando profundamente no território russo, aparentemente sem qualquer oposição significativa.

Tropas foram vistas rindo ou sorrindo, como se estivessem em uma espécie de piquenique. Ocupando inúmeras aldeias no lado russo da fronteira, derrubando bandeiras russas e hasteando bandeiras ucranianas no lugar.

Mas em Kursk, após a Névoa da Guerra 2.0, é-nos mostrado o engano ocidental sobre a Rússia: quando a narrativa obscurece a realidade. A propaganda de guerra e o engano são tão antigos quanto as montanhas. Nada de novo. Contudo, o que é verdadeiramente novo é que a guerra de informação já não é um complemento de objetivos de guerra mais amplos, mas tornou-se um fim em si mesma. O Ocidente começou a acreditar que “apropriar-se” da narrativa vencedora – e apresentar a do “Outro” como desconfortável, dissonante e extremista – é mais importante do que abordar os fatos no terreno. Deste ponto de vista, dominar a narrativa vencedora significa vencer. Assim, a “vitória” virtual triunfa sobre a realidade “real”. Desta forma, a guerra torna-se mais um cenário para impor o alinhamento ideológico através de uma ampla aliança global e fazê-lo através de meios de comunicação complacentes. Este objetivo goza de maior prioridade do que, por exemplo, garantir capacidade de produção suficiente para apoiar objetivos militares. A elaboração de uma “realidade” imaginada teve prioridade sobre a configuração da realidade no terreno.

Isso nos lembra o filme: *Wag the Dog* (no Brasil: *Mera Coincidência*), uma produção americana de 1997 dirigida por Barry Levinson, escrita por Hilary Henkin e pelo prestigiado dramaturgo David Mamet. Seus principais protagonistas são Dustin Hoffman, Robert De Niro, Anne Heche, Willie Nelson e Denis Leary.

No filme, um conselheiro governamental decide construir uma guerra fictícia contra a Albânia, esperando que a mídia se concentre nisso. Assim, ele contata um

produtor de Hollywood, Stanley Motss (Dustin Hoffman), para “criar a guerra”, com temática musical e um filme falso. O engano é inicialmente bem sucedido, com o presidente rapidamente ganhando terreno nas pesquisas. Mas... as narrativas da Guerra da Ucrânia muitas vezes me lembram este filme.

FALSAS ARMADILHAS

A questão é que esta abordagem cria armadilhas de falsas realidades e falsas expectativas, das quais escapar (quando necessário) se torna quase impossível, precisamente porque o alinhamento imposto ossificou o sentimento público. O efeito cumulativo de uma “narrativa virtual vencedora” acarreta o risco de deslizar gradualmente para uma “guerra real” não intencional. Tomemos, por exemplo, o ataque orquestrado e equipado pela OTAN à região simbolicamente significativa de Kursk. Em termos de uma “narrativa vencedora”, seu apelo ao Ocidente é óbvio: a Ucrânia “leva a guerra para a Rússia”. Se as forças ucranianas tivessem conseguido capturar a central nuclear de Kursk, teriam tido uma importante carta de negociação e poderiam ter retirado as forças russas da “linha” ucraniana cada vez mais colapsada no Donbass.

E mais, em termos de guerra de informação, os meios de comunicação ocidentais estavam prontos e alinhados para mostrar o presidente Putin “congelado” pelo ataque surpresa e “cambaleando” pela ansiedade de que a opinião pública russa se voltasse contra ele pela sua raiva e humilhação. O chefe da CIA, Bill Burns, disse que a Rússia não oferecerá concessões à Ucrânia até que o excesso de confiança de Putin seja desafiado e a Ucrânia possa mostrar força. Outras autoridades dos EUA acrescentaram que o ataque a Kursk por si só não traria a Rússia à mesa de negociações; outras operações ousadas teriam que ser organizadas para agitar os nervos de Moscou.

Acreditamos que o objetivo geral era mostrar a Rússia como frágil e vulnerável, em linha com a narrativa de que a qualquer momento Moscou poderia desmoronar, obviamente deixando o Ocidente como vencedor. Na verdade, o ataque a Kursk foi uma grande aposta para a OTAN. Mas foi uma aposta perdida (ao encerrar este artigo em 5 de setembro de 2024, lemos no *El País*: “*Há alarme na Ucrânia devido ao rápido avanço da Rússia na frente de Donetsk. As críticas intensificam-se contra Zelensky, que está confiante de que a ofensiva na província russa de Kursk acabam por forçar o invasor a abrandar o seu avanço, algo que não está acontecendo por enquanto.*” Não é difícil ver como esta visão unidimensional do mundo pode ter contribuído para que os Estados Unidos e seus aliados interpretassem mal o impacto da atual “ousada aventura” de Kursk sobre os russos comuns. Kursk tem uma história. Em 1943, a Alemanha atacou os russos em Kursk para retificar sua frente e eliminar uma perigosa saliência soviética, após o desastre de Stalingrado, mas acabou sendo derrotada em uma batalha que representou a primeira derrota alemã em uma ofensiva de verão.

O regresso de equipamento militar alemão às proximidades de Kursk deve ter deixado muitos sem palavras; o atual campo de batalha em torno da cidade de Sudzha é o mesmo local onde, em 1943, os 38º e 40º Exércitos soviéticos perseguiram o 4º Exército alemão para retardar seu avanço.

Efeitos próximos e recentes: em 2 de setembro, o *Financial Times* publicou: “Eleitores na Turíngia e na Saxônia votaram pelo fim da guerra na Ucrânia.”

Os eleitores foram atraídos tanto para a AfD como para o BSW devido à sua oposição à guerra na Ucrânia, uma vez que ambas as partes criticaram duramente o fornecimento de armas alemãs a Kiev, bem como as sanções ocidentais contra a Rússia, e apelaram a negociações para pôr fim aos combates. O resultado das eleições mostra que, 34 anos após a reunificação alemã, a maioria das pessoas em duas regiões do antigo leste comunista do país está profundamente desiludida com os partidos centrais tradicionais e frustrada com a forma como a Alemanha é governada (fonte: *Financial Times*).

Continuamos explicando: ao longo dos séculos, a Rússia foi atacada várias vezes em seu flanco vulnerável pelo Ocidente. Os mais recentes foram os de Napoleão e Hitler. Não é de surpreender que os russos sejam muito sensíveis a esta história sangrenta. Os planejadores ocidentais pensaram sobre isso? Imaginaram que se a OTAN invadisse a própria Rússia, Putin se sentiria “desafiado” e que com um impulso maior se retiraria e aceitaria um resultado “congelado” na Ucrânia... talvez sim.

Em última análise, a mensagem enviada pela inteligência ocidental foi que o Ocidente (representado pela OTAN) está atacando a Rússia. Este é o significado da escolha deliberada de Kursk. Em essência, a mensagem de Bill Burns diz que os russos devem preparar-se para a guerra com a OTAN.

Para ser claro, este tipo de “narrativa vencedora” em torno de Kursk não é uma farsa e nem uma ficção. Os acordos de Minsk foram exemplos de engodo, mas foram engodos baseados em uma estratégia racional (ou seja, foram historicamente normais).

As fraudes de Minsk visavam ganhar tempo para que o Ocidente reforçasse a militarização da Ucrânia antes de atacar o Donbass. O engodo funcionou, mas apenas à custa de uma quebra de confiança entre a Rússia e o Ocidente.

Kursk, porém, é algo diferente. O Ocidente percebe-se como se estivesse em um processo de movimentação em direção ao “lado certo da história”. Na verdade, a estratégia de Kursk parecia inteligente e ousada em Londres e Washington. Mas com que resultado? Não alcançou nem o objetivo de tomar a central nuclear de Kursk nem o de retirar as tropas russas da linha de contato no Donbass. E mais cedo ou mais tarde a presença ucraniana na região de Kursk será eliminada.

O que fez, contudo, foi prejudicar seriamente qualquer perspectiva de uma solução negociada na Ucrânia. A desconfiança da Rússia nos Estados Unidos é agora absoluta. A presença visível de equipamento alemão em Kursk despertou velhos fantasmas e consolidou a consciência das intenções hostis do Ocidente em relação à Rússia.

OCIDENTE APRISIONADO

O Ocidente ficou preso em sua própria narrativa de vitória. *Slogans* vazios e declarações de propaganda, embora possam ganhar apoio público a curto prazo, correm o risco de exacerbar os conflitos em vez de resolvê-los. O que o Ocidente subestimou foi a profunda memória histórica e a resiliência cultural da Rússia, que reage não só aos movimentos militares, mas também aos símbolos e sinais percebidos como ameaças existenciais.

O perigoso é que esta estratégia, baseada na superioridade narrativa, pode levar a uma escalada não planejada, na qual a realidade no terreno pode sair do controle. A obsessão em controlar a narrativa levou a uma simplificação excessiva dos conflitos, ignorando a complexidade histórica, cultural e geopolítica de situações particulares. O paradoxo é que a busca pelo controle total sobre a narrativa global pode levar o Ocidente a perder de vista a realidade. A desconexão entre a narrativa e a realidade no terreno pode levar a graves erros de cálculo, que podem transformar a guerra de informação em um conflito armado incontrolável.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
